



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CIÊNCIAS ECONÔMICAS
NÚCLEO DE GESTÃO

Stephanie Natália de Lemos Medeiros

Relações Comerciais Entre Brasil e China no período de 2007 a 2014

CARUARU
2015



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CIÊNCIAS ECONÔMICAS
NÚCLEO DE GESTÃO

Stephanie Natália de Lemos Medeiros

Relações Comerciais Entre Brasil e China no período de 2007 a 2014

Trabalho de conclusão submetido ao curso de Graduação de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciência Econômicas.

CARUARU
2015

Catálogo na fonte:
Bibliotecária - Simone Xavier CRB/4-1242

M488r Medeiros, Stephanie Natália de Lemos.
Relações comerciais entre Brasil e China no período de 2007 a 2014. / Stephanie
Natália de Lemos Medeiros. - 2015.
46f. ; 30 cm.

Orientadora: Sônia Rebouças da Silva Melo
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal de Pernambuco,
CAA, Economia, 2015.
Inclui referências bibliográficas

1. Relações comerciais. 2. Vantagem comparativa. 3. Competitividade. 4. Brasil. 5.
China. I. Melo, Sônia Rebouças da Silva. (Orientadora). II. Título

330 CDD (23. ed.)

UFPE (CAA 2015-294)



**Universidade Federal de Pernambuco
Centro Acadêmico do Agreste
Departamento de Economia**

**PARECER DA COMISSÃO EXAMINADORA DE DEFESA DE MONOGRAFIA
NA GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS DE:**

STEPHANIE NATÁLIA DE LEMOS MEDEIROS

A comissão examinadora composta pelos professores abaixo, sob a presidência do primeiro, considera a candidata Stephanie Natália de Lemos Medeiros **APROVADA**.

Caruaru-PE, 14 de Outubro de 2015.

**Prof^ª. Dr^ª. Sônia Rebouças da Silva Melo
(Orientador)**

**Prof^ª.Dr^ª. Lucilena Ferraz Castanheira Corrêa
UFPE/CAA**

**Prof. Msc. Klebson Humberto de Lucena Moura
UFPE/CAA**

**Prof. Msc. Bruno Tadeu Lopes Siqueira de Moura
UFPE/CAA**

**CARUARU
2015**

“Aprender é a única coisa de que a mente nunca se cansa, nunca tem medo e nunca se arrepende.”

Leonardo da Vinci

“Quando uma criatura humana desperta por um grande sonho e sobre ele lança toda a força de sua alma, todo o universo conspira a seu favor.”

Johann Goethe

AGRADECIMENTOS

Aos professores da Universidade Federal de Pernambuco que me ensinaram e ajudaram na formação do meu caráter. A todos vocês, o meu muito obrigado!

Especialmente ao meu esposo, e aos meus pais pela paciência e por acreditarem na minha capacidade, e acompanharem de perto os esforços e as dificuldades enfrentadas para que se tornasse possível a realização deste sonho, que em parte era de todos nós.

RESUMO

Com a intensificação do processo de globalização cada vez mais os países estão abertos para a comercialização, nesse contexto a falta de diversidade na pauta de exportação vem se mostrando um problema significativo. Deixando explícito a falta de competitividade que alguns países passam a apresentar, e o Brasil é um desses países que sofre com a falta de diversidade e baixa competitividade perante seus parceiros comerciais. Tendo em vista esse cenário que o Brasil se encontra este trabalho tem como principal objetivo analisar a competitividade dos produtos exportados pelo Brasil com destino a China nos períodos de 2007 a 2014, essa delimitação foi escolhida, pois a China é o principal comprador e vendedor para o Brasil, o período escolhido é o mais recente possível com os dados existentes. Para poder medir a evolução das exportações fazendo um reconhecimento dos principais produtos do comércio bilatéral entre esses dois países serão utilizados os índices de intensidade do comércio(IIC), índice de vantagem comparativa revelada(VCR), índice de vantagem comparativa revelada simétrica(VCRS) e o índice de orientação do comércio(IOC) cada um dos índices tentando demonstrar as preferências de comércio entre as duas nações. Os resultados obtidos no índice indicam que o Brasil tem uma pauta de exportação restrita a produtos básicos, pois não apresenta vantagem comparativa para outros produtos limitando não só as exportações como a diversificação de mais produtos.

Palavras-chave: Brasil. China. Competitividade. Relações comerciais. Vantagem comparativa.

ABSTRACT

With the intensification of the globalization process more and more countries are open to marketing in this context the lack of diversity in the export basket has proven to be a significant problem. Making explicit the lack of competitiveness that some countries start to present, and Brazil is one such country that suffers from a lack of diversity and low competitiveness in its trading partners. Given this backdrop that Brazil is this study is meant to examine the competitiveness of products exported by Brazil bound for China in the period 2007 to 2014, this definition was chosen because China is the main buyer and seller for the Brazil, the chosen period is the latest possible with existing data. In order to measure the evolution of exports making a recognition of major products Bilateria trade between these two countries will use the trade intensity index (IIC), revealed comparative advantage index (VCR), symmetric revealed comparative advantage index (VCRs) and the trade orientation index (IOC) each index trying to demonstrate the trade preferences between the two nations. The results obtained in the index indicate that Brazil has an export basket restricted to basic products, because it has no comparative advantage to other products not only limiting exports as the diversification of more products.

Keywords: Brazil. China. Competitiveness. Trade. Comparative Advantage.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Brasil X China no ano de 2013	16
Tabela 2. Evolução do Comércio Exterior da China US\$ bilhões FOB	22
Tabela 3. Evolução do Comércio Exterior da Brasil US\$ bilhões FOB.....	23
Tabela 4. Evolução do Intercâmbio Comercial Brasil – China US\$ bilhões, FOB.....	24
Tabela 5. Participação em termos percentuais do Brasil no Comércio da China ¹ US\$ bilhões	24
Tabela 6. Direção das Exportações da China US\$ bilhões.....	25
Tabela 7. Origem das Importações da China US\$ bilhões	26
Tabela 8. Destino das exportações brasileiras US\$ bilhões, FOB 2014-2013/2012/2002	27
Tabela 9. Origem das importações brasileiras US\$ bilhões, FOB 2014-2012/2002.....	28
Tabela 10. Composição das exportações brasileiras para a China US\$ milhões, FOB.....	29
Tabela 11. Composição das importações brasileiras originárias da China US\$ milhões, FOB.....	30
Tabela 12. Tabela do Índice de Intensidade do Comércio anos 2007-2014.....	39
Tabela 13. Índice de Vantagem Comparativa Revelada anos 2007-2014 do Brasil	40
Tabela 13. 1 Índice de Vantagem Comparativa Revelada Simétrica Anos 2007 - 2014	41
Tabela 14. Índice de Orientação do Comércio anos de 2007-2014.....	42

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. - Produto Interno Bruto medido pelo Poder de Paridade Compra referente a China(A) e ao Brasil(B) dos anos de 1900-2011.....	17
Gráfico 2. - Exportações e Importações brasileiras por fator agregado US\$ bilhões comparativo dos anos de 2014 com 2013.....	31

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1- OS ACORDOS POLÍTICOS	16
1.1 Acordos Políticos e comerciais entre Brasil e China.....	17
CAPÍTULO 2- COMERCIO BILATERAL BRASIL E CHINA	22
CAPÍTULO 3- METODOLOGIA	32
3.1- Índice de Intensidade do Comércio (IIC).....	35
3.2- Índice de Vantagem Comparativa Revelada (VCR)	35
3.2.1- Índice de Vantagem Comparativa Revelada Simétrica (VCRS).....	36
3.3- Índice de Orientação de Comércio (IOC)	37
CAPÍTULO 4 - ANÁLISE DOS INDICADORES DE COMPETITIVIDADE ENTRE BRASIL E CHINA	38
4.1- Mensuração do Índice de Intensidade do Comércio (IIC)	38
4.2- Mensuração do Índice de Vantagem Comparativa Revelada (VCR).....	39
4.2.1- Índice de Vantagem Comparativa Revelada Simétrica (VCRS).....	40
4.3- Mensuração do Índice de Orientação do Comércio (IOC).....	41
CONCLUSÕES.....	43
REFERÊNCIAS	45

INTRODUÇÃO

Com a globalização atuando na abertura dos mercados cada vez mais os países vem formando parcerias, na intenção de expandir suas negociações. O maior parceiro comercial do Brasil é a China um olhar precipitado pode gerara uma dificuldade em se comparar o Brasil com a China, porém para Villela (2010), esses países possuem semelhanças latentes. Explicitando que o Brasil e China possuem características e problemas semelhantes. Fazendo com que ao longo do tempo esses países passassem a se aproximar comercialmente, se mostrando na conjectura atual como grandes parceiros comerciais.

Observando o Brasil e a China, ou outras sociedades orientais, parece ser difícil fazer uma comparação entre esses países com o Brasil. Pode-se imaginar que se tratam de países completamente diferentes, possuindo poucas semelhanças entre si. Fatores como a distância geográfica e as diferenças histórico-culturais são os responsáveis por tal visão. O grande desafio desses países, no século XXI, será a redução de tais desigualdades, por meio da elevação da capacidade de consumo e do nível de qualidade de vida de suas populações, melhorando a distribuição da renda nacional (VILLELA, 2010,20)

O Brasil ao longo do tempo vem buscando expandir suas relações comerciais porem esbarra em uma série de dificuldades que são a causa de sua fragilidade externa; entre as fragilidades está a existência de uma pauta de exportação pequena e concentrada, poucos mercados de destino, entre outros. Algumas soluções podem ser apontadas para melhora desses entraves como uma política efetiva de promoção a exportação, que busquem a ampliação e diversificação dos mercados. Uma política efetiva baseia se na escolha de uma pauta de exportação na qual os produtos escolhidos ofereçam vantagem comparativa em relação a outros países.

Segundo o BNDES, nove em cada dez análises dos aspectos macroeconômicos brasileiros mostram a fragilidade externa econômica como principal obstáculo para o país atingir um desenvolvimento contínuo. Apesar da inconstância, os benefícios da abertura do comércio são evidentes, aumento da produtividade, maior diversidade de insumos e produtos, maior competitividade, estímulo ao avanço tecnológico etc. A abertura comercial formalizada por meio de acordos torna as relações comerciais cada vez mais seguras para abas as partes, o Brasil tem ao longo dos anos ampliado seus acordos comercias garantindo uma parte de suas comercializações.

A decisão sobre uma política de exportação baseada em produtos que ofereçam maior vantagem comparativa deve ser olhada mais cautelosamente pois como Wedekin (2002)

destaca, além das chamadas vantagens comparativas, há necessidade de se observar outros condicionantes da produção que estão afetando cada vez mais a competitividade dos produtos e podem ampliar a participação destes nos mercados internacionais. O mesmo autor aponta como tal condicionantes a maior produtividade no uso dos fatores de produção, principalmente através da tecnologia e da inovação fazendo com que seja produzido muito mais a um custo bem menor, tornados mais fortes na concorrência.

Segundo o mesmo autor, dentre os fatores que inibem este crescimento estão as barreiras comerciais de exportação. Assim, as chamadas vantagens competitivas estão atreladas, não só às quantidades disponíveis dos fatores de produção, mas à forma como são explorados. O processo de globalização vivenciado pelas empresas faz com que haja uma dispersão das atividades de suprimento de insumos e de acesso a maiores e novos mercados, buscando ampliar a escala de suas operações.

Visando uma maior expansão comercial, desde 1974 o Brasil vem assinando acordos comerciais com a China, isso tem aprofundando as relações comerciais entre os dois países tornando assim a China o principal parceiro comercial do Brasil. Tamanha a importância dessa relação comercial pra economia brasileira, tornasse necessária uma análise da competitividade dos produtos inseridos nesta relação de comercial para maiores ampliações comerciais.

A China vem evidenciando um forte crescimento econômico ao longo dos últimos anos. Em 2013, o país contou com um crescimento do PIB de 7,70%, chegando a 9,47 bilhões de dólares e, caso mantenha esse crescimento, estima-se que em 2040 se torne o maior mercado do planeta (PUGA, 2004). Nessa perspectiva, a China tem-se apresentado como uma das economias mais dinâmicas do mundo e tem se tornado uma economia fortemente atrativa para investimentos estrangeiros. Levando em consideração, a forte crise econômica ocorrida em 2008, os indicadores de 2014 são bem expressivos. Em 2014 o PIB nominal foi de 10,36 trilhões, com um crescimento real de 7,40%, uma inflação de 2,30% e um desemprego de 4,10% (SERSEX, 2015).

A relação Brasil-China é de grande crescimento comercial conforme os dados da SESEX (2015), comparando o período de Janeiro a Abril de 2014 com o mesmo período em 2015, nota-se que houve uma diminuição de 31,6% nas exportações e 4% nas importações. Porém a China configura-se como o maior parceiro comercial do Brasil, apresentando um intercâmbio comercial de 21,78 bilhões de dólares de Janeiro a Abril de 2015, deixando para trás parceiros tradicionais como o EUA e Argentina. Desta forma, constata-se que em 2014 18% das exportações brasileiras tinham como principal destino a China, sendo os principais

produtos da cesta de exportação¹: a soja, minérios, combustíveis, pasta de madeira, açúcar, peles e couros, ferro e aço, carnes, gorduras e óleos, tabaco . Já as importações chegavam a 16,3% vindas do mesmo destino porem a pauta das importações demonstra em sua cesta de importação²; máquinas elétricas, máquinas mecânicas, químicos orgânicos, plástico, automóveis, obras de ferro e aço, vestuário, filamentos sintéticos, instrumentos de precisão (SERCEX, 2014).

Verifica se que as relações comerciais apresentam condições distintas de absorção do potencial desse mercado. A cesta de exportação brasileira para a China demonstra concentração em produtos básicos e semimanufaturados. Já a cesta de importações brasileiras de produtos chineses predomina produtos manufaturados, produtos estes que apresentam maior valor agregado (SERCEX, 2014).

Podemos notar nas cestas de exportação e de importação grupos definidos de produtos com pouca variabilidade, mostrando a necessidade de uma evolução da diversificação dos produtos. Conforme Wosch (2002), a evolução do comércio exterior não gera apenas acréscimo de cifras, ele é capaz de alterar o perfil e a abrangência do mercado, proporcionando uma maior variação na pauta de produtos comercializados. Para Pinto (2004) o objetivo é potencializar o mercado mais livre e, portanto, mais competitivo para o país. A globalização da economia é um fenômeno que derruba fronteiras e define uma nova ordem para a gestão dos negócios em todos os segmentos, impõe uma revisão completa das práticas e conceitos utilizados até então. Nesse sentido, torna-se de fundamental importância a avaliação da competitividade do Brasil, frente a China que é o seu maior parceiro comercial.

Ao analisar a relação de comércio bilateral Brasil-China, Negri(2005) observar que o Brasil exporta mercadorias de menor valor agregado, porem isso não significa dizer que ele não seja competitivo. Indicando que podem haver outras barreiras que estão alimentando essa concentração de produtos básicos. Este fato mostra que o grande e vasto mercado chinês não está sendo explorado devidamente pela indústria brasileira. Então porque o Brasil não consegue expandir sua participação e diversificar mais seus produtos na importação chinesa?

Para responder a tal questionamento foram escolhidos produtos da cesta de exportação e importação brasileira. O motivo da escolha dos produtos que compõe a pauta de intercâmbio comercial entre os dois países, se dá por ser os produtos mais comercializados movimentando

¹ Cesta de exportações, que contém os 10 principais produtos exportados do Brasil tendo como destino a China sendo eles: a soja, minérios, combustíveis, pasta de madeira, açúcar, peles e couros, ferro e aço, carnes, gorduras e óleos, tabaco.

² Cesta de importação, que contém os 10 principais produtos importados do Brasil vindos da China sendo eles: máquinas elétricas, máquinas mecânicas, químicos orgânicos, plástico, automóveis, obras de ferro e aço, vestuário, filamentos sintéticos, instrumentos de precisão.

assim o maior capital financeiro, deixando clara sua importância comercial. Oliveira e Carvalho (2003) argumentam que a seleção de uma pauta de exportação adequada viabiliza o planejamento de médio e longo prazo do país, permitindo uma maior estabilidade e menos riscos, fazendo com que a economia possa agregar mais valor ao escolher uma pauta adequada. Desta forma, a cesta de exportação e importação serão utilizados para aplicação dos índices de Vantagem Comparativa Revelada e Simétrica, Intensidade do Comércio, Orientação do Comércio. A análise considerou o período de 2007 a 2014, por se tratar de um período recente ao qual não se entram este tipo de análise.

O objetivo geral deste trabalho concentra-se em analisar a competitividade dos produtos exportados pelo Brasil com destino a China no período de 2007 a 2014. Especificamente fazer um reconhecimento sobre o comércio bilateral Brasil e China no período de 2007 a 2014, medir a evolução do destino das exportações, por meio do índice de intensidade do comércio, identificar a vantagem de um determinado produto de países diferentes, por meio do índice de vantagem comparativa, identificar a importância de um produto nas exportações bilaterais em relação ao resto do mundo, por meio de cálculo do índice de orientação do comércio.

CAPÍTULO 1- OS ACORDOS POLÍTICOS

Nessa seção, faz-se um breve reconhecimento sobre o comércio bilateral Brasil e China, evidenciando que as suas relações comerciais e suas diferenças. Como duas das maiores economias em desenvolvimento no mundo a tabela a seguir mostra os principais dados para 2013.

Tabela 1 Brasil X China no ano de 2013

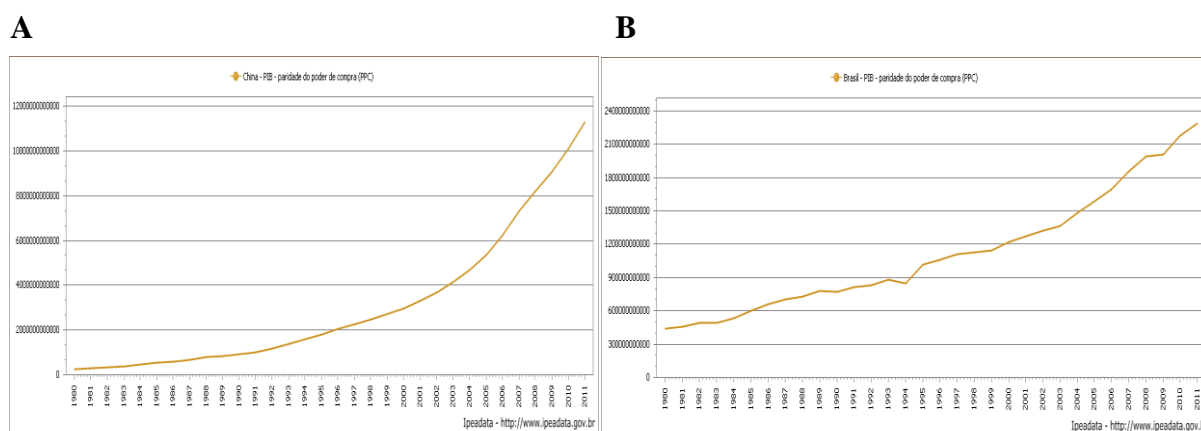
Dados	Brasil	China
População	200,4 milhões	1.385,6 milhões
Área Terrestre	8.358.140 km ²	9.388.211km ²
Crescimento IPC%	6,20%	2,57%
PIB Dólar Corrente	2.250.370 milhões US\$	9.318.901 milhões US\$
Crescimento PIB	2,40%	7,60%
Taxa de Analfabetismo	8,7%	4,9%

Fonte: UNCTAD, 2013

Um dos antagonismos demonstrados pelas economias é dado pela poluição. A China apresenta 1.385,6 milhões de pessoas, sendo uma população maior que a do Brasil que apresenta uma população cerca de 200,4 milhões o que representa cerca de 14,46% da população total da China. Outro ponto divergente é a taxa de Analfabetismo que no Brasil se aproxima dos 9% da população enquanto que na China chega somente ao 5%. Levando em consideração que a população chinesa é maior que a brasileira, esses números demonstram que as políticas educacionais da China são mais eficientes e de maior dimensão que a do Brasil.

Em termos de crescimento, a economia brasileira tem se mostrado inferior ao de sua companheira de negócios. Enquanto o Brasil apresenta um crescimento de 2,40% do PIB, a China, mostra para o mesmo período, um crescimento de 7,6% do seu PIB, mesmo levando em consideração a última crise mundial de 2008. Demonstrando que a China continua crescendo a patamares mais elevados que o Brasil. Podemos verificar no gráfico abaixo o desenvolvimento do PIB das duas economias.

Gráfico 1. 1. Produto Interno Bruto medido pelo Poder de Paridade Compra referente a China(A) e ao Brasil(B) dos anos de 1900-2011



Fonte: IPEA data

Como pode se observar nos gráficos, o Brasil vem mostrando uma tendência de apresentar valores menores com relação ao PIB, apresentando em alguns anos uma queda, porém ao longo do tempo continua crescendo. Já a China apresenta um crescimento robusto e valores absolutos superiores, se mostrando um gráfico uniformemente variado com relação ao tempo, deixando claro seu constante crescimento.

A discrepância entre os dois países também pode ser medida por outros fatores, dentre os quais, está a taxa de juros. O Brasil tem apresentado uma elevação constante da taxa de juros passando de 6,20% em 2013. A China apresenta uma taxa de juros de 2,63% no ano de 2013 demonstrando uma maior estabilidade econômica, por esta ser mais baixa. Outro indicador que serve de análise é o investimento estrangeiro direto, que no Brasil (BoP, US\$ atual) foi de 80 bilhões em 2013, mesmo tendo avançado bastante não chega ao nível de investimento feito na China que chegou ao valores de 347 bilhões em 2013 (SERCEX,2015).

Os dois países têm em comum a vasta extensão territorial, a China como maior país do continente asiático com um território de 9.388.211km² e o Brasil o maior do continente sul americano com uma extensão territorial de 8.358.140 km². Mediante as informações da SERCEX podemos afirmar que a China vem avançando firmemente ao longo dos anos em quanto o Brasil não apresenta o crescimento esperado. (SERCEX, 2015).

1.1 Acordos Políticos e comerciais entre Brasil e China

Os primeiros relacionamentos do governo brasileiro com o governo chinês aconteceram a partir do final do século XIX, antes desse período não houve nenhum contato entre os dois

países . Apartir deste período o Brasil começa a demonstrar interesse em trazer n chinesa, no intuito de trazer trabalhadores para as lavouras cafeeiras do Estado de São Paulo. Porem esse processo de imigração não teve sucesso, Pois o governo Chies recusou alegando medo de seus imigrantes virarem escravos (TUSCO,2010).

A razão da não permissão de vinda dessa mão-de-obra ao Brasil decorreu dos problemas que as primeiras correntes migratórias para o continente americano sofreram. Mesmo com a não concretização dessa corrente migratória, pela proibição formal da China, os dois países assinaram o Tratado de Amizade, Comércio e Navegação em 1881, com o Brasil abrindo um consulado em Shangai em 1883. (OLIVEIRA, 2004, pg. 10)

Até 1949, ano em que Mao-Tse Tung, líder comunista chinês fundou a República Popular da China (RPC), as relações entre os países foram apenas diplomáticas, muito por causa da sucessão de conflitos externos e internos que os chineses enfrentaram no período, além das duas Guerras Mundiais. A China tornou-se um país socialista, mantendo relações com a União Soviética, super potência do bloco socialista. Já o Brasil era aliado dos Estados Unidos, super potência do bloco capitalista. Devido a essas escolhas partidárias o Brasil interrompe sua relações com a China continental de Mao (RPC) e reconheceu a China nacionalista (Taipei) como o novo representante do povo chinês (TUSCO,2010)

Já com a China, os contatos bilaterais foram escassos em decorrência da sucessão de conflitos internos e externos que a afetaram no final do século XIX e na primeira metade do século XX. Com a vitória de Mao-TseTung, em 1949, o Brasil rompe as relações diplomáticas com a China continental, fechando o consulado em Shangai e abrindo uma embaixada em Taipei. (OLIVEIRA, 2004, pg. 11)

Em 1961 o Brasil iniciou uma aproximação com a China, com uma missão comercial brasileira em Pequim, liderada por João Goulart. Porém com o golpe militar de 1964, uma missão comercial chinesa que estava no Brasil foi presa, causando um imbróglgio na aproximação (VILLELA, 2010). Somente em 1974, no governo de Ernesto Geisel que foi assinado o Comunicado Conjunto sobre o Estabelecimento de Relações Diplomáticas, no qual se estabelecia a abertura de embaixadas nos dois países (SERCEX,1974).

Após o restabelecimento das relações diplomáticas em 15 de agosto de 1974, a parceria sino-brasileira objetivou uma ação conjunta em tópicos de interesses comuns de desenvolvimento na agenda internacional. Apesar das diferenças em relação aos sistemas políticos, ambos demonstraram similaridades em alguns princípios de política externa, principalmente a determinação em assegurar a autonomia internacional, soberania nacional e integridade territorial. (OLIVEIRA, 2004, pg. 12)

Neste mesmo governo foram assinados vários outros acordos entre os quais podemos destacar o primeiro acordo comercial entre os dois países, estabelecendo entre outras coisas

todas as medidas necessárias para fortalecer e desenvolver as nações. Entre essas medidas estão a fixação dos preços das mercadorias, objeto de intercâmbio entre os dois Países, passando a ter como referência as cotações de mercadorias de qualidade e especificações iguais ou comparáveis no mercado internacional que devera ser feita por comprador e vendedor nos contratos comerciais respectivos. Também sendo firmados Convênios sobre transporte de cargas e passageiros entre os dois países (SERCEX,1979).

A partir de 1988, já no governo de Jose Sarney, foram firmados novos acordos como a aprovação de pesquisa e produção de satélite envolvendo o Instituto de Pesquisas Espaciais do Brasil (INPE) e a Academia Chinesa de Tecnologia Espacial (CAST) como entidades executoras para a pesquisa e produção conjunta do Satélite Sino – Brasileiro de Recursos da Terra, cabendo-lhes celebrar os atos necessários para a execução do projeto para a pesquisa e produção conjunta do Satélite de Recursos da Terra.

Um outro acordo estabelecido nesse governo foi a cerca de serviços de assessoramento em todos os setores da área de tecnologia industrial, o setor de transporte, energia elétrica, incluindo a energia hidrelétrica. Em especial realizando pesquisas e estudos sobre planejamento, construção, operação e administração de novas instalações ou organização e gerenciamento de instalações existentes, em seus aspectos técnicos, administrativos, econômicos, financeiros e comerciais sendo realizada através do intercâmbio de informações e documentação, missões técnicas, missões de estudo e estágios de treinamento para peritos, além de outras formas de cooperação a serem acordadas entre os dois países (SERCEX,1988).

O progresso das relações bilaterais entre os dois países se deu de forma mais acentuada com o fim da Guerra Fria e e as mudanças políticas e econômicas que se instalaram no Brasil, como a abertura econômica nacional. A partir de 1993, o governo de Itamar Franco passa a ter como prioridade a diplomacia brasileira em função do seu potencial cooperativo nos campos científico e tecnológico e também como mercado para exportação e importação (TUSCO,2010).

A partir do último ano de governo do presidente Itamar Franco, o intercâmbio comercial sino-brasileiro entrou em uma fase de rápido crescimento que dura até o presente. O início dessa fase de crescimento acelerado se deve à abertura econômica do Brasil, mas também ao avanço das reformas econômicas na China que abriu espaço para uma melhor e maior inserção e adaptação desse país na economia internacional. (VILLELA, 2010, pg. 5)

Sendo assim foram acordado neste governo que o satélite desenvolvido pelas duas nações deveria ser colocado em orbita até outubro de 1996, e junto ao seu lançador iria um satélite somente brasileiro. Outro acordo firmado foi o comprometimento de ambos os países a

estimular as empresas a dar continuidade ao comércio bilateral de minério de ferro com base nos princípios da igualdade e do benefício mútuo, conforme as possibilidades de compra e venda. Concordam em designar as referidas empresas para estudar a possibilidade de expandir as compras e as vendas de minério de ferro (SERCEX,1993-1994).

Acordos entre os dois governos, a partir de 1995 no governo de Fernando Henrique Cardoso foram nos âmbitos cooperação econômica, científica, tecnológica em pequenas centrais hidrelétricas, rádio e televisão, saúde e quarentena animal, metrologia e da qualidade industrial, educacional. Depois de tantas trocas de produtos o interesse mútuo de promover o fortalecimento e a expansão do comércio bilateral, bem como de incentivar a formação de parcerias empresariais entre os dois países em setores estratégicos, surge a necessidade de promover o desenvolvimento ao comércio, assegurar a qualidade dos produtos importados e exportados e simplificar as formalidades para inspeção de tais produtos entre os dois países por meio de mais um acordo (SERCEX,1995-2002).

Segundo Oliveira (2004,16), em 1999 foi criado um Fórum de Cooperação Ásia do Leste – América Latina (EALACF), aproximando ambas as regiões, com intuito de implementar planos e programas que ampliem os laços econômicos, políticos e culturais.

Isso comprova o interesse mútuo em busca de complementar o comércio e as alianças políticas e mostra a disposição de estreitar as relações através de parcerias. Oliveira vai mais longe e afirma que o EALACF “apresenta um forte conteúdo simbólico ao procurar ampliar e aprofundar relações com a região da América Latina, sem a presença norte-americana (TUSCO,2010).

Luiz Inácio Lula da Silva em 2004 assinou entre outro de comissão Sino-Brasileira de alto nível de concentração e cooperação fim de orientar e coordenar o desenvolvimento do relacionamento entre os dois países; vigilância de medicamentos e produtos relacionados à saúde; consulta mútua na área de segurança sanitária e fitossanitária de produtos alimentares; cooperação hidro ferroviária, implementação de infra estrutura de construção, energia e mineração, petróleo equipamentos e financiamento; esclarecimentos sobre as condições sanitárias e veterinárias das carnes exportadas do Brasil para China, e das aves da China para o Brasil, e de tabaco; facilitação de viagens de grupos de turista chineses para o Brasil; cooperação em comércio e investimento (SERCEX,2004-2010).

O título de economia de mercado foi dada a China pelo Brasil em novembro de 2004. Como condição para pode entrar na Organização Mundial do Comércio (OMC), a China aceitou não ser reconhecida como economia de mercado por um período de 15 anos período que se encerra em dezembro 2016. Os chineses vem tentando antecipar este período, porem os Estados

Unidos e da União Européia não concordam com a antecipação. Para a China a redução desse período atinge a arbitrariedade européia e norte-americana em ações antidumping contra ela (TUSCO,2010).

O Brasil busca vantagens na antecipação do reconhecimento da China como uma economia de mercado na esperança de ganhar moral com os chineses e conseguir negociar e colocar em prática excelentes negócios com o mercado chinês. Já que essa será efetivada em 2016 perante todas as economias, garantindo assim o status de economia de mercado para a China. (TUSCO,2010).

O reconhecimento da China como economia de mercado seria inevitável. Se não durante a visita oficial em novembro de 2004, o Brasil teria que conferir o status à China em 2016. A vantagem do reconhecimento imediato seria a possibilidade de se negociar esse apoio em troca de benefícios concretos para o país. A opção de não negociar teria o ônus político de situar o Brasil no conjunto cada vez menor de países que não atendem a demanda chinesa, diminuindo significativamente a possibilidade de ganhos futuros. Ou seja, quanto mais cedo se conferisse o reconhecimento solicitado, maior o valor da barganha que poderia ser feita. (AMORIM, 2010, pg. 13)

Em 2012, Dilma Rousseff assina a implementação do Plano Decenal que tem como base a estrutura do Plano de Ação Conjunta. As iniciativas e projetos-chaves do Plano Decenal levarão em conta: as características econômicas e necessidades de mercado de ambos os países; as estratégias de desenvolvimento e as leis e regulamentos internos de ambos os países; os princípios de benefício mutuo, desenvolvimento conjunto, parâmetros de mercado, viabilidade e eficiência. A elaboração e implementação do Plano Decenal tem por objetivo aprofundar a execução do Plano de Ação Conjunta assinado pelos líderes dos dois países, com foco na promoção da cooperação em ciência e tecnologia, econômica, num período de dez anos; e estabelecer prioridades e projetos-chaves, para elevar o nível da cooperação além da complementaridade hoje existente entre os dois países. O Plano Decenal concentrar-se-á nas seguintes áreas: ciência, tecnologia, inovação e cooperação espacial; minas, energia, infraestrutura e transportes; investimentos e cooperação industrial e financeira; cooperação econômica e comercial; cooperação cultural, educacional e intercambio entre os povos (SERCEX,2012).

A evolução das relações bilaterais entre Brasil e China vem evoluindo desde o restabelecimento das relações diplomáticas em 1974. Nos tempos atuais destaca se também o recente desenvolvimento do Conselho Empresarial Brasil-China, que passa a reunir diversas empresas tanto brasileiras como as chinesas que optam por estabelecer uma relação mutua independente governos (TUSCO,2010).

CAPÍTULO 2 - COMERCIO BILATERAL BRASIL E CHINA

A China apresentou uma potente relação comercial movimentando para o ano de 2013 4.159 bilhões de dólares sendo deles 2.209 bilhões de exportações e 1.950 bilhões sendo de importações como podemos observar na tabela a baixo os dados da China sempre mostram uma crescente, esse crescimento é quebrado a partir de 2009 após a crise de 2008 onde a China começa a apresentar reflexos da crise no seu saldo da balança comercial. Nos anos subsequentes 2010 e 2011 continuaram mostrando valores abaixo do esperado reflexo da crise de 2008 que seriam amortizados ao longo do tempo. Vale salientar que esse período de crise atingiu a vários países em intensidades variadas, a China começa a mostrar melhoras a partir do ano de 2012.

Tabela 2. Evolução do Comércio Exterior da China US\$ bilhões FOB

Anos	Exportações(A)		Importações(B)		Intercâmbio Comercial		Saldo Comercial (A - B)
	Valor	Var% ¹	Valor	Var% ¹	Valor	Var% ¹	
2005	762	28,4	660	17,6	1.422	23,2	102
2006	969	27,2	791	19,9	1.760	23,8	177
2007	1.220	25,9	959	21,2	2.179	23,8	261
2008	1.431	17,3	1.133	18,1	2.563	17,6	298
2009	1.202	-16,0	1.006	-11,2	2.207	-13,9	196
2010	1.578	165,9	1.396	148,7	2.970	157,6	182
2011	1.898	20,3	1.743	24,9	3.642	22,5	155
2012	2.049	7,9	1.818	4,3	3.867	6,2	231
2013	2.209	7,8	1.950	7,2	4.159	7,6	259

Fonte: SECEX; MRE/DPR/DIC com base em dados da UM/UNCTAD/ITCTradeMap, Abril2015.

¹ A variação ocorre em relação ao ano anterior.

Como podemos verificar Tabela 3.2. os valores de Exportação e importação do Brasil são bem inferiores em relação aos da China, podemos notar nesta tabela que ao contrário do que aconteceu com a China que apresentou melhora depois de 2012 o Brasil não conseguiu se recuperar da crise mostrando um saldo comercial para os anos subsequentes a crise de 2008 cada vez menores.

Tabela 3. Evolução do Comércio Exterior da Brasil US\$ bilhões FOB

Anos	Exportações(A)		Importações(B)		PIB		Saldo Comercial (A - B)
	Valor	Var%	Valor	Var%	Valor	Tx. Real%	
2005	118,5	22,6	73,6	17,1	882,4	3,2	44,9
2006	137,8	16,3	91,4	24,1	1.088,8	4,0	46,5
2007	160,6	16,6	120,6	32,0	1.366,5	6,1	40,0
2008	197,9	23,2	173,0	43,4	1.650,9	5,2	25,0
2009	153,0	-22,7	127,7	-26,2	1.625,6	-0,3	25,3
2010	201,9	32,0	181,8	42,3	2.143,9	7,5	20,1
2011	256,0	26,8	226,2	24,5	2.475,1	2,7	29,8
2012	242,6	-5,3	223,2	-1,4	2.247,3	1,0	19,4
2013	242,2	-0,2	239,6	7,4	2.243,1	2,5	2,6

Fonte: SECEX; Exportação e Importação: SERCEX/MDIC e RFB/MF, Taxa real de variação do PIB: IBGE, PIB em dólar: BACEM

A Tabela 3.3 apresenta a evolução do intercâmbio Comercial Brasil – China, na qual obtém-se uma tendência de crescimento nas exportações brasileira para a China, esta tendência também se aplica nas importações. Esse desempenho se mostra ao compararmos os valores do intercâmbio comercial de 2005 que chegava a 12,19 bilhões pra o valor de 83,33 bilhões em 2013 demonstrando um crescimento percentual de 583,59% num período de apenas 8 anos, isso porque as relações comerciais entre os dois países têm se intensificado. Em 2008, ano da crise o saldo comercial fica -3,52 bilhões da acarretado por uma desaceleração de todas as economias afetadas pela crise, esse saldo sofre influência da China por ser nosso maior fornecedor. Porém a participação do Brasil no intercâmbio comercial com a China vem demonstrando uma tendência ao crescimento. Podemos observar que a partir de 2010 a participação do Brasil no intercâmbio cresce pouco apresentando um decréscimo tanto das importações como das exportações, quebrando a tendência apresentada até então de crescimento. Os abalos foram sentidos tardiamente pelo Brasil, que demorou para apresentar em números as consequências. O saldo comercial volta a crescer após maior participação da China no intercâmbio comercial.

Tabela 4. Evolução do Intercâmbio Comercial Brasil – China US\$ bilhões, FOB

Anos	Exportações			Importações			Intercâmbio Comercial			Saldo
	Valor	Var%	Part.% no total do Brasil	Valor	Var%	Part.% no total do Brasil	Valor	Var%	Part.% no total do Brasil	
2005	6,83	25,6	5,77	5,35	44,3	7,28	12,19	33,2	6,34	1,48
2006	8,40	22,9	6,10	7,99	49,2	8,75	16,39	34,5	7,15	0,41
2007	10,75	27,9	6,69	12,62	58,0	10,46	23,37	42,6	8,31	-1,87
2008	16,52	53,7	8,35	20,04	58,8	11,59	36,57	56,5	10,96	-3,52
2009	21,00	27,1	13,73	15,91	-20,6	12,46	36,92	1,0	13,15	5,09
2010	30,79	46,6	15,25	25,6	60,9	14,08	56,38	52,7	14,69	5,19
2011	44,31	43,9	17,31	32,79	28,1	19,59	77,11	36,8	15,99	11,52
2012	41,23	-7,0	17,00	34,25	4,5	15,35	75,48	-2,1	16,21	6,98
2013	46,03	11,6	19,02	37,30	8,9	15,56	83,33	10,4	17,30	8,72

Fonte: SECEX; MRE/DPR/DIC – com base em dados do MDI/SECEX/Alice web, Abril2015

Na Tabela 3.4 nota-se a participação do Brasil nas exportações e importações chinesas. Apesar de o Brasil apresentar montantes significativos na comercialização com a China, os valores totais da exportação e importação chinesa são mais elevados, demonstrando que a participação do Brasil no comércio chinês é ínfimo. Mesmo o Brasil apresentando uma variação percentual de 2010 a 2014 nas exportações de 31,9%, sua variação para o mesmo período de tempo com relação à participação percentual nas importações da China foi de -6,1%. Isso porque o montante comercializado pela China é maior do que o Brasil pode oferecer.

Tabela 5. Participação em termos percentuais do Brasil no Comércio da China¹
US\$ bilhões

Descrição	2010	2011	2012	2013	2014	Var.% 2010/2014
Exportações do Brasil para a China (X1)	30,8	44,3	41,2	46,0	40,6	31,9
Importações totais da China (M1)	1.396	1.743	1.818	1.950	1.962	40,6
Part. % (X1 / M1)	2,21	2,54	2,27	2,36	2,07	-6,1
Importações do Brasil originárias da China (M2)	25,6	32,8	34,3	37,3	37,3	45,9
Exportações totais da China (X2)	1.578	1.898	2.049	2.209	2.343	48,5
Part. % (M2 / X2)	1,62	1,73	1,67	1,69	1,59	-1,7

Fonte: SECEX; elaborado pelo MRE/DPR/DIC – com base em dados do MDIC/SERCEX/ Alice web e UM/UNCTAD/ITC/TradeMap. (1) As discrepâncias observadas nas estatísticas das exportações brasileiras e das importações do país e vice-versa podem ser explicadas pelo uso de fontes distintas e também por diferentes metodologias

A direção das exportações da China, o Brasil não ocupa uma posição de destaque já que em 2014 ele ocupava a 17ª posição como nota se na Tabela 3.5. O Brasil não é o principal exportador da China, porem com o crescente estreitamento das relações comerciais dos dois países observa se que o Brasil vem subindo nesse ranking, pois em 2004 ele ocupava a 25ª posição como comprador do mercado chinês, podendo ver uma clara evolução.

Tabela 6. Direção das Exportações da China US\$ bilhões

Descrição	2014	Prt.% no total
Estados Unidos	397,15	17,0%
Hong Kong	363,18	15,5%
Japão	149,56	6,4%
Coreia do Sul	100,36	4,3%
Alemanha	72,72	3,1%
Países Baixos	64,94	2,8%
Vietnã	63,61	2,7%
Reino Unido	57,16	2,4%
Índia	54,24	2,3%
Rússia	53,69	2,3%
...		
Brasil (17ª posição)	34,92	1,5%
Subtotal	1.412	60,2%
Outros Países	913	39,8%
Total	2.343	100%

Fonte: SECEX, elaborado pelo MRE/DPR/DIC – com base em dados da UM/UNCTAD/ITC/TradeMap, Abril 2015.

Pode se notar que os países da região asiática em 2014 são os principais importadores Chineses com destaque para a Coreia do Sul com 9,7% e o Japão com 8,3%, porem os demais países que fazem parte do G10 não apresentam grandes discrepâncias entre eles. Para as exportações em 2014 pode se destacar a participação dos Estados Unidos com 17,0% e Hong Kong com 15,5% que se comparados com os demais países tem um volume de exportação bastante acentuado, dominando o mercado Chinês.

Como pode se observar na Tabela 3.6 a origem das importações da China mostra um desempenho melhor do Brasil quando a relação comercial é de importação. Ao longo do tempo o Brasil vem melhorando seu posicionamento neste ranking, já que em 2004 ocupava a 14ª posição passando em 2014 a ocupar a 8ª posição no mercado chinês.

Tabela 7. Origem das Importações da China US\$ bilhões

Descrição	2014	Part. % no total
Coreia do Sul	190,3	9,7%
Japão	163,1	8,3%
Estados Unidos	160,1	8,2%
Taiwan	152,2	7,8%
Alemanha	105,0	5,4%]
Austrália	98,0	5,0%
Malásia	55,8	2,8%
Brasil	51,9	2,6%
Arábia Saudita	48,6	2,5%
África do Sul	44,6	2,3%
Subtotal	1.069,7	54,5%
Outros Países	892,4	45,5%
Total	1.962,1	100%

Fonte: SECEX, elaborado pelo MRE/DPR/DIC – com base em dados da UM/UNCTAD/ITC/TradeMap, Abril2015.

Analisando a origem das importações brasileiras o quadro de Brasil-China se mostra bem diferente. A China passa a se configurar como o maior comprador e o maior vendedor para do mercado brasileiro. Desbancando antigos fornecedores que em 2006 apresentavam respectivamente primeiro e segundo lugar como os Estados Unidos (exportação 17,6%, importação 18,0%) e a Argentina (exportação 8,5%, importação 8,5%) como podemos observar na Tabela 3.7 o Brasil exportou para a China 18% do total das suas exportações, resultado de uma evolução expressiva ao longo do tempo já que a variação percentual de 2002 a 2014 é de 1.511,90%.

Tabela 8. Destino das exportações brasileiras US\$ bilhões, FOB 2014-2013/2012/2002

Discriminação	2014	Part.% no total	2013	2006	2002
Total Geral	225,10	100%	242,03	-	60,44
Países selecionados	126,74	56,3%	138,71	-	32,81
China	40,62	18%	46,03	8,4	2,52
Estados Unidos	27,03	12%	24,65	24,4	15,38
Argentina	14,28	6,3%	19,62	11,7	2,35
Países Baixos	13,04	5,8%	17,33	5,7	3,18
Japão	6,72	3,0%	7,96	3,9	2,10
Alemanha	6,63	2,9%	6,55	5,7	2,54
Chile	4,98	2,2%	4,48	3,9	1,46
Índia	4,79	2,1%	3,13	-	0,65
Venezuela	4,63	2,1%	4,85	3,6	0,8
Itália	4,02	1,8%	4,10	3,8	1,82

Fonte: SECEX, elaborado pelo MRE/DPR/DIC- com base nos dados do MDIC/SE/CEX/Alice web

A origem das importações brasileiras apresentadas na Tabela 3.8 mostram que o Brasil em 2014 importou da China 16,3% de toda a importação, mostrando ser o principal destino das importações e se configurando como o principal negociador para a balança comercial brasileira, ocupando o lugar que em 2002 pertencia aos Estados Unidos que tinham 21,78% do total das importações.

Tabela 9. Origem das importações brasileiras US\$ bilhões, FOB 2014-2012/2002

Discriminação	2014	Part.% no total	2013	2012	2002
Total Geral	229,6	100%	239,75	223,18	47,24
Países selecionados	142,89	62,4%	150,76	139,27	29,62
China	37,34	16,3%	37,30	34,25	1,55
Estados Unidos	35,00	15,3%	36,02	32,36	10,29
Argentina	14,14	6,2%	16,46	16,44	4,74
Alemanha	13,84	6,0%	15,18	14,21	4,42
Nigéria	9,50	4,1%	9,65	8,01	1,09
Coreia do Sul	8,53	3,7%	9,49	9,10	1,07
Índia	6,64	2,9%	6,36	5,04	0,57
Itália	6,31	2,8%	6,72	6,20	1,76
Japão	5,90	2,6%	7,08	7,74	2,35
França	5,70	2,5%	6,50	5,91	1,77

Fonte: SECEX, elaborado pelo MRE/DPR/DIC- com base nos dados do MDIC/SE/CEX/Alice web

Passando a análise para uma perspectiva na qual se especifica os produtos que são comercializados na balança comercial, observa-se que os produtos comercializados apresentam entre eles diferenças quanto a classificação por valor agregado.

A composição da pauta de exportação para os anos de 2012, 2013 e 2014 demonstrado na Tabela 3.9 nos mostra os produtos que tem o maior volume de exportação. Para 2014, 93,6% do total dos produtos exportados para a China são de produtos em sua maioria básicos³ ou semimanufaturados⁴ sendo eles da cesta de exportação já havia sido observado por Negri(2005).

³ Básicos: produtos de baixo valor agregado, normalmente intensivos em mão-de-obra, cuja cadeia produtiva é simples e que sofrem poucas transformações.

⁴ Semimanufaturados: produtos que tenham passado uma vez mais o grau de transformação, produto que passou por alguma transformação.

Tabela 10. Composição das exportações brasileiras para a China US\$ milhões, FOB.

Descrição	2012		2013		2014	
	Valor	Part.% no total	Valor	Part.% no total	Valor	Part.% no total
Soja em grãos e sementes	12.029	29,2%	17.148	37,3%	16.616	40,95
Minérios	15.214	36,9%	16.394	35,6%	12.709	31,3%
Combustíveis	4.835	11,7%	4.035	8,8%	3.474	8,6%
Pastas de madeira	1.237	3,0%	1.582	3,4%	1.711	4,2%
Açúcar	1.084	2,6%	1.433	3,1%	880	2,2%
Peles e couros	485	1,2%	643	1,4%	826	2,0%
Ferro e aço	671	1,6%	597	1,3%	530	1,3%
Carnes	574	1,4%	446	1,0%	521	1,3%
Gorduras e óleos	1.005	2,4%	625	1,4%	421	1,0%
Tabaco e sucedâneos	478	1,2%	454	1,0%	334	0,8%
Subtotal	37.611	91,2%	43.357	94,2%	38.023	93,6%
Outros produtos	3.616	8,8%	2.669	5,8%	2.593	6,4%
Total	41.228	100%	46.026	100%	40.616	100%

Fonte: SECEX, elaborado pelo MRE/DPR/DIC, com base nos dados do MIC/SECEX/Alice web, abril 2015

A composição da pauta de importação brasileira originária da China demonstrada na Tabela 3.10 é composta basicamente de produtos manufaturados⁵ que representam em 2014 73,0% do total importado pelo Brasil vindo da China sendo estes os produtos da cesta de importação. Estes produtos, ao longo do tempo de 2012 a 2014, demonstram uma variabilidade de valor exportado porem a classificação dos produtos quanto ao seu valor agregado continua a mesma.

⁵ Manufaturados; produto que tem alto grau de transformação, normalmente de maior tecnologia, com alto valor agregado

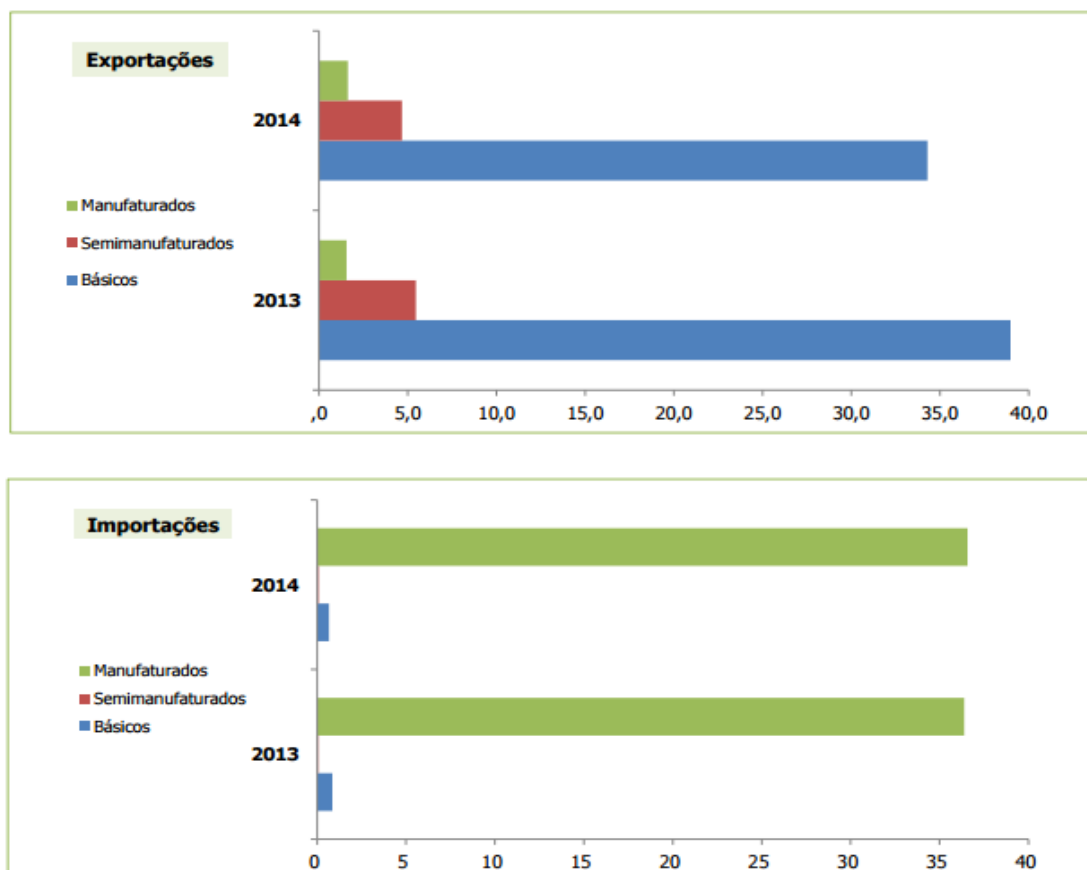
Tabela 11. Composição das importações brasileiras originárias da China US\$ milhões, FOB.

Descrição	2012		2013		2014	
	Valor	Part.% no total	Valor	Part.% no total	Valor	Part.% no total
Máquinas elétricas	9.805	28,6%	10.869	29,1%	10.898	29,2%
Máquinas mecânicas	7.930	23,2%	8.132	21,8%	7.151	19,1%
Químicos Orgânicos	1.797	5,2%	2.184	5,9%	2.232	6,0%
Ferro e aço	807	2,4%	978	2,6%	1.388	3,7%
Plástico	888	2,6%	1.006	2,7%	1.170	2,9%
Automóveis	925	2,7%	1.034	2,8%	1.002	2,7%
Obras de ferro ou aço	929	2,7%	1.017	2,7%	978	2,6%
Vestuário exceto de malha	845	2,5%	884	2,4%	935	2,5%
Filamentos sintéticos	627	1,8%	745	2,0%	809	2,2%
Instrumentos de precisão	741	2,2%	789	2,1%	780	2,1%
Subtotal	25.292	73,8%	27.637	74,1%	27.244	73,0%
Outros produtos	8.959	26,2%	9.667	25,9%	10.100	27,0%
Total	34.251	100%	37.304	100%	37.343	100%

Fonte: SECEX, elaborado pelo MRE/DPR/DIC, com base nos dados do MIC/SECEX/Alice web, abril 2015

Observa-se no Gráfico 3.1. que ao se comparar os anos de 2013 e 2014 a classificação por fator agregado dos produtos que vem sendo exportados e importados no Brasil continua a mesma, mostrando que não há uma variabilidade de produtos, o Brasil continua a exportar em sua grande maioria produtos básicos, semimanufaturados, e a importar em sua maioria produtos manufaturados. Esta característica das importações e exportações brasileira é comum a todos os seus parceiros comerciais, incluindo a China. As variações que ocorrem neste período só dizem respeito a quantidades que tiveram uma queda em 2014.

Gráfico 2. Exportações e Importações brasileiras por fator agregado
US\$ bilhões comparativo dos anos de 2014 com 2013



Fonte: SECEX, elaborado pelo MRE/DPR/DIC, com base nos dados do MIC/SECEX/Alice web, abril 2015

CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA

Antes de ser apresentada a metodologia que será utilizada neste trabalho, será feita uma breve revisão do embasamento teórico deste trabalho. A globalização é um fator que vem fazendo com que as empresas nacionais abram novos caminhos, nesse processo de integração de mercado baseado em Dias (1996) e Gonçalves (1987) ambos citados por FERREIR(1998), os países de industrialização ainda não concluída se aproximam cada vez mais de países mais desenvolvidos. Por este motivo uma melhor análise sobre a competitividade das exportações assume uma importância estratégica para os países que buscam aprimorar o desenvolvimento.

Para compreender esta competitividade em torno das exportações entre dois países torna-se necessário compreender o conceito de vantagem comparativa⁶ explicitado por David Ricardo⁷ e evidenciado por Krugman. Até então o conceito de vantagem comparativa estava muito bem definido porém não havia nenhuma forma de mensurar lá, que foi desenvolvida por Balassa (1965) sendo calculado por meio de um índice e denominada de o índice de vantagem comparativa revelada (VCR), sendo usada posteriormente por Ferreira (1998), Haddad (2003), Fernandes e Vieira Filho (2000) esse índice presume que a eficiência produtiva de um país pode ser medida por sua performance no comércio internacional (FONSECA,2002). A partir dessas informações pode-se identificar que país tem vantagem comparativa sobre o outro.

Para autores como Eli Heckscher (1879-1952) e Bertil Ohlin (1899-1979) as diferenças nas quantidades dos fatores de produção já justifica o comércio. Porém, segundo o entendimento de Krugman e Obstfeld (2001) o grande número de fatores de produção aliado a grande capacidade de produzir é o que faz cada país se interessar na especialização e na produção de determinado bem. O modelo apresentado por Heckscher e Ohlin (HO), mostra que o possuidor de maior número de fatores sai em vantagem numa

⁶ Um país tem vantagem comparativa na produção de determinado bem se for relativamente mais eficiente na produção desse mesmo bem.

⁷ Segundo a lei da Vantagem Comparativa, desenvolvida por David Ricardo e explica na sua obra *The Principles of Political Economy and Taxation* (onde utiliza um exemplo prático envolvendo Portugal e Inglaterra), os países ganham com o comércio internacional mesmo que sejam menos eficientes na produção de todos os bens. Para isso o país deve se especializar na produção dos bens em que são relativamente mais eficientes, ou seja, aqueles em que apresentam vantagem comparativa, e comercializar aqueles em que são relativamente menos eficientes.

relação comercial com outros possuidores de menor número de recursos (KRUGMAN E OBSTFELD, 2001).

Porém nem sempre ter vantagem significa ter altos níveis de exportação, isso pode ocorrer por causa de economias protecionistas. O argumento para tal proteção foi muito bem levantado por Alexandre Hamilton em *Report on Manufactures* (2001); onde o mesmo faz duas afirmações a primeira é a de que as economias em desenvolvimento alcançariam as economias desenvolvidas se tivessem privilégios junto ao mercado nacional, a outra é que sem proteção essas economias menos desfavorecidas poderiam aprender na prática e conseguir ultrapassar as economias de topo (HAMILTON,2001).

Apesar de inovador o modelo HO ainda não era capaz de explicar como era o comércio entre países com características semelhantes em relação com a produção mundial. Seguindo a busca por estas explicações Paul Krugman (1953) e Staffan Burenstam Linder (1931-2000) trabalham com o modelo de mercado imperfeito para expor a relação comercial entre as indústrias, feita por produtos equivalentes, mas não homogêneos, baseado em produção de escala. As teorias sobre o comércio internacional continuaram a evoluir aparecendo neste cenário Bela Balassa, introduzindo em seus estudos a ideia de (VCR) vantagem comparativa revelada, onde os preços praticados após o comércio são determinantes para a vantagem comparativa. Porém foi salientado por Figueiredo e Santos (2005) que por mais limitado que seja, a análise da Vantagem Comparativa Revelada, continua sendo utilizada pela facilidade do cálculo e por permitir observar a movimentação comercial, podendo avaliar o impacto das políticas ao longo do tempo, mostrando a competitividade de um determinado produto.

Laursen (1998) chama atenção para o fato de que os resultados partindo desta análise são assimétricos, com valores de 0 ao ∞ , na tentativa de reduzir o efeito residual desse tipo de análise ele torna esse índice simétrico dando origem ao índice de vantagem comparativa revelada simétrico. Uma limitação do índice de Balassa são as exportações unilaterais. Porém ele passa a considerar que o viés na importação, pois ela é facilmente comandada pelas políticas de proteção dos países.

Para Krugman (1997) o nível de competição ocorre uma esfera microeconômica, ou seja, a competição se dará em relação as empresas e não em relação aos países. Já a teoria tradicional de Ricardo (1817) uma relação comercial entre os países é favorável para ambos não mostrando as relações ente as empresas em sua teoria. Já Krugman enfatiza o fato de que só existem trocas internacionais, pelo fato de se ter algo que se deseja.

Um ponto de vista que deve ser analisado é o fator da produtividade, em uma suposição em que exista uma economia fechada com uma produtividade acima da média teria maior produção e maior consumo nacional, esta mesma economia sendo aberta o poder de compra de seus indivíduos altera a produtividade interna e externa. Alguns autores tendem a explorar a política comercial com maneira para fabricar ou não empregos quando na verdade ao contrario deveriam analisar sobre a eficiência. (KRUGMAN,1997)

A análise da competitividade dos produtos exportados pelo Brasil com destino a China, observando as relações bilaterais entre o comércio do Brasil e da China, e as possíveis expansões brasileiras no mercado chinês, serão dada da seguinte forma. O estudo compreende o período de 2007 a 2014. Ao longo deste período, pode-se observar a evolução do comércio e a dinâmica da importações e exportações do Brasil e da China. Muito embora, no ano de 2008, tenha ocorrido uma grave crise mundial, o que afeta o crescimento esperado para ambas as nações.

Para cada ano, considerou-se a mesma cesta de produtos selecionados dentre os mais comercializados a cada ano. Assim, foram escolhidos os 10 produtos mais comercializados na pauta de exportação brasileira para a China, que são as cestas de exportação: Soja em grão e sementes, Minérios, Combustíveis, Pasta de Madeira, Açúcar, Peles e Couros, Gorduras e Óleos, Tabaco e sucedâneos, Algodão. Na cesta de produtos importados da China, selecionou-se os 10 produtos mais comercializados. São eles: Máquinas elétricas, máquinas mecânicas, Químicos Orgânicos, Ferro e Aço, Plástico, Automóveis, Obras de Ferro ou Aço, Vestuário exceto de malha, Filamentos sintéticos, Instrumentos de precisão.

Os dados obtidos para o Brasil foram coletados junto ao sistema Alice Web do SECEX (Secretaria do Comercio Exterior). Já as informações a respeito da China foram obtidas junto ao banco de dados da UNCTAD (Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento) e do ITC (Análise de Mercado e Pesquisa, Centro de comércio Internacional).

Os índices utilizados para analisar a competitividade entre os países foram: i) o índice de intensidade do comércio, que mede a evolução do destino das exportações, ii) o índice de vantagem comparativa que mensura a vantagem de um determinado produto em países diferentes, iii) o índice de vantagem comparativa revelada simétrica o que torna i índice simétrico e o iv) índice de orientação do comércio que mede a importância de um produto nas exportações bilaterais em relação ao resto do mundo.

Para caracterizar essa relação de comércio, utilizara as informações contidas nos bancos da UNCTAD, ITC e da SECEX além de fontes bibliográficas que tratam sobre o tema. Os índices acima citados serão calculados da seguinte forma.

3.1- Índice de Intensidade do Comércio (IIC)

O Índice de Intensidade do comércio (IIC) foi descrito pela primeira vez por Escribano Francés (2000). O IIC tem por objetivo avaliar a evolução do destino das exportações, pois esse índice correlaciona a participação do comércio bilateral com todas as exportações e importações do mundo (ADRIANA,2003). O índice é calculado da seguinte forma:

$$IC_{ij} = \frac{(X_{ij} / X_i)}{(M_j / M_w)}$$

Onde:

IC_{ij}: Índice de intensidade de comércio do país *i* para o país *j*;

X_{ij}: exportação do país *i* para o país *j*;

X_i: exportação total do país *i*;

M_j: importação total do país *j*;

M_w: importações totais mundiais

O índice pode assumir valores menores e maiores que 1. Quando o Índice de Intensidade do comércio é superior a 1 (IC_{ij} > 1), significa que o comércio bilateral tem mais força em relação ao comércio do país com o resto do mundo. Quando o Índice de Intensidade do Comércio é inferior a 1 (IC_{ij} < 1), indica que a relação comercial de importação e exportação dos países com o mundo apresenta mais vantagem do que o comércio bilateral, ou seja, do que o comércio entre os dois países envolvidos na comercialização.

3.2- Índice de Vantagem Comparativa Revelada (VCR)

O Índice de Vantagem Comparativa Revelada foi desenvolvido por Bela Balassar (1965), o índice tem como principal objetivo a mensuração da vantagem comparativa de

um determinado produto de um país sobre o mesmo produto comparado com outro país. O cálculo é dado da seguinte forma:

$$VCR_{ij} = \frac{(X_{ij} / X_{tj})}{(X_{im} / X_{tm})}$$

Onde:

VCR_{ij}: Vantagem Comparativa Revelada do produto/setor i do país j;

X_{ij}: valor das exportações do produto/setor i pelo país j;

X_{tj}: valor total das exportações do país j;

X_{im}: valor das exportações do produto/setor i pelo país m (país esse com o qual se quer mensurar a vantagem comparativa);

X_{tm}: valor total das exportações do país m (com o qual se quer medir a vantagem comparativa);

A interpretação dos valores encontrados se dão da seguinte forma: quando o valor encontrado do Índice de Vantagem Comparativa Revelada é superior a 1 (VCR_{ij} > 1) isso indica que o país j possui vantagem nas exportações do produto i; quando o resultado obtido no índice são valores que podem variar de 0 a 1 (VCR_{ij} Δ 0a1) isso indica que o país tem desvantagens em exportar esse produto, tendendo a diminuir sua competitividade internacional; e, quando o valor encontrado no cálculo do índice é igual a 1 (VCR_{ij} = 1) indicando que a vantagem competitiva do país j para com o país m é o mesmo com o resto do mundo.

3.2-1. Índice de Vantagem Comparativa Revelada Simétrica (VCRS)

Laursen (1998) observando que o índice de vantagem comparativa é assimétrico visando uma melhor compreensão, faz com que o índice se tornasse simétrico normalizando o Índice de Vantagem Comparativa Revelada Simétrica (VCRS). Com esta nova formulação a variação passa a ser (VCRS_{ij} variação de 0 a 1) passa a determinar que o país já possui vantagem comparativa no produto i, quando a variação passa a ser (VCRS_{ij} variação de -1 a 0) significa desvantagem comparativa, porém se o valor for igual (VCRS_{ij} = 0) demonstra que o país tem a mesma competitividade que os demais países do mundo. O cálculo de tal índice passa a ser dado da seguinte forma:

$$VCRS_{ij} = \frac{VCR_{ij} - 1}{VCR_{ij} + 1}$$

Onde:

$VCRS_{ij}$: Índice de Vantagem Comparativa Revelada Simétrica do produto i do país j

VCR_{ij} : Índice de Vantagem Comparativa Revelada do produto i do país j

3.3- Índice de Orientação de Comércio (IOC)

O Índice de Orientação do Comércio (IOC) foi proposto por Balassa (2001) e desenvolvido com a ajuda de Diaz Moura (2001). Tal índice tem como objetivo medir o quão importante é um produto nas exportações bilaterais em relação com o resto do mundo. O Índice apresenta uma variância entre 0 e o ∞ , quando o índice encontrado apresentar valores maiores que 1, há uma orientação favorável ao comércio bilateral, mostrando que a parceria dos dois países é tão forte que os torna cada vez mais dependentes um do outro, e mais independentes do comércio com o resto do mundo, ou seja, eles dois se bastam; quando os valores encontrados são inferiores a 1 sugere que a orientação comercial é mais favorável com o resto do mundo, mostrando que a união dos dois países não é tão significativa; se o índice for igual a 1 não há orientação do comércio para a exportação, a melhor opção é a não comercialização com nenhum país pois sua produção lhe basta. O cálculo do índice é feito de seguinte forma:

$$IOC_j = \frac{(X_{bj} / X_{bt})}{(X_{oj} / X_{to})}$$

Onde:

IOC_j : índice de Orientação do Comércio do Produto j ;

X_{bj} : valor das exportações do produto j no comércio bilateral

X_{bt} : valor das exportações totais no comércio bilateral

X_{mj} : valor das exportações do produto j para o mundo

X_{mt} : valor das exportações totais no comércio mundial

CAPÍTULO 4 - ANÁLISE DOS INDICADORES DE COMPETITIVIDADE ENTRE BRASIL E CHINA

Neste capítulo vão ser demonstrados os índices que serão utilizados para fazer a tentativa de análise da competitividade entre o Brasil e a China, para tanto de demonstrado a o cálculo dos índices e suas interpretações. Para tal propósito serão utilizados os índices de Intensidade do comércio (IC), índice de Vantagem Comparativa Revelada (VCR), Índice de Orientação do Comércio (IOC).

4.1- Mensuração do Índice de Intensidade do Comércio (IIC)

O índice de Intensidade do comércio serve para medir a relevância do comércio entre dois países. Como podemos notar na Tabela 5.1 o comércio bilateral entre o Brasil e a China é favorável já que os resultados foram maiores que 1 reforçando o que já tinha sido apresentado anteriormente em que se demonstra que, para o Brasil, a China é seu principal parceiro comercial. Porém ao analisarmos o mesmo índice com relação ao comércio bilateral tendo a China como foco o IIC quando calculado para China-Brasil tem valores inferiores a 1 o que torna o comércio com os outros países mais vantajosos, o que também corrobora os dados apresentados anteriormente tendo em vista que o Brasil é apenas a 17º posição quanto a exportação e o 8º lugar quando as importações. Isso implica dizer que a China apresenta com o passar dos anos uma menor taxa de comercialização. Pode se notar isso tendo em vista que a variação percentual de 2007 para 2014 foram de 23,19%, essa variação baixa se dá pelo fato que é mais atrativo o comércio com outros países. Analisando a variação percentual do Brasil para os mesmos anos obtém-se uma variação de 74,39% pois o comércio bilateral tem mais força em relação ao comércio do Brasil com o resto do mundo.

Tabela 12. Tabela do Índice de Intensidade do Comércio anos 2007-2014

Anos	Brasil- China	China - Brasil
2007	0,986085075	0,001091403
2008	1,204203766	0,001240125
2009	1,719502983	0,001159274
2010	1,717210635	0,001320252
2011	1,826966563	0,001364118
2012	1,719591349	0,001344518
2013	1,822620234	0,001268169
2014	1,728040309	0,00122257

Fonte: Elaboração própria, usando dados Alice Web, ITC

4.2- Mensuração do Índice de Vantagem Comparativa Revelada (VCR)

Para os 20 produtos que foram calculado o índice de VCR de 10 deles: soja em grãos e sementes, minérios, combustíveis, pasta de madeira, açúcar, peles e couros, ferro e aço, gorduras e óleos, tabaco e sucedâneos, automóveis, apresentaram vantagem nas exportações do produto do período de 2007 até 2014, pois foram os únicos que apresentaram índice superior a 1 sendo eles: soja em grão e sementes, minérios, combustíveis, pasta de madeira, açúcar, peles e couros, ferro e aço, gorduras e óleos, tabaco e sucedâneos, automóveis. Apresentando uma tendência que já se mostrava latente já que a maioria dos produtos que são exportados do Brasil para a China são de produtos básicos, e semimanufaturados (são aqueles que ainda não estão em sua forma definitiva de uso, quer final quer intermediário, pois deverão passar por outro processo produtivo para se transformarem em produto manufaturado). Tendência esta que já havia sido apresentada por Mattos(2008).

Tabela 13. Índice de Vantagem Comparativa Revelada anos 2007-2014 do Brasil

Código do Capítulo(1) / Produtos	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
12 Soja em grãos e sementes	31,79	39,25	49,27	43,63	52,25	56,86	71,81	78,50
26 Minérios	96,57	145,7	520,8	424,9	552,2	661,9	844,6	843,1
27 Combustíveis	4,84	7	5	5	3	5	2	7
47 Pasta de Madeira	249,6	287,7	286,0	271,6	160,5	311,0	445,0	468,6
17 Açúcar	2	9	7	5	1	4	3	6
41 Peles e Couros	70,93	60,84	87,26	97,73	87,10	86,98	75,49	64,98
72 Ferro e aço	14,16	340,6	1	37,74	33,84	33,50	39,44	49,13
02 Carnes	1,81	1,74	3,92	2,32	2,23	2,44	1,98	1,80
15 Gorduras e óleos	0,10	0,11	0,10	0,10	0,09	0,12	0,14	0,14
24 Tabaco e sucedâneos	44,97	36,35	35,02	35,95	35,29	37,79	27,75	25,58
52 Algodão	26,90	26,82	27,25	21,64	19,08	21,80	22,58	20,28
85 Máquinas elétricas	0,67	0,65	0,69	0,61	0,86	1,29	0,66	0,96
84 Máquinas mecânicas	0,16	0,15	0,14	0,11	0,09	0,09	0,07	0,08
29 Químicos Orgânicos	0,38	0,34	0,27	0,29	0,30	0,31	0,31	0,33
39 Plásticos	0,98	0,70	0,80	0,81	0,68	0,71	0,73	0,74
87 Automóveis	0,83	0,67	0,87	0,75	0,65	0,56	0,52	0,56
73 Obras de Ferro ou Aço	3,19	2,70	2,38	2,53	2,06	1,93	2,19	1,59
62 Vestuário exceto de malha	0,32	0,33	0,41	0,31	0,25	0,27	0,28	0,38
54 Filamentos sintéticos	0,02	0,01	0,01	0,01	0,01	0,01	0,01	0,01
90 Instrumentos de precisão	0,11	0,09	0,09	0,07	0,05	0,06	0,05	0,06
	0,15	0,14	0,14	0,13	0,12	0,11	0,11	0,13

Fonte: Elaboração própria com dados da Alice Web, ITC, (1) Código de localização Alice web/contrade. Sendo “i” os produtos, “j” é o Brasil, “m” é a China.

4.2.1- Índice de Vantagem Comparativa Revelada Simétrica (VCRS)

O VCRS apresenta os mesmos resultados da Vantagem Comparativa só que apresentados de uma forma simétrica e de mais fácil visualização, pois os produtos que apresentam carga negativa são os produtos que não tem VCRS demonstrando que para esses produtos não há vantagem comparativa. Como pode se observar são esses produtos em sua maioria classificados como básicos, e semimanufaturados (são aqueles que ainda não estão em sua forma definitiva de uso, quer final quer intermediário, pois deverão

passar por outro processo produtivo para se transformarem em produto manufaturado) os produtos brasileiros que apresentaram essas características são: carne, máquinas elétricas, máquinas mecânicas, químicos orgânicos, plástico, obras de ferro e aço, vestuário exceto malha, filamentos sintéticos, instrumentos de precisão. Reforçando o fato de o Brasil não ter vantagem comparativa no comércio de produtos manufaturados (CUNHA, A.M.; LÉLIS, M.T. C.; BICHARA, J.S, 2012)

Tabela 13. 1 Índice de Vantagem Comparativa Revelada Simétrica Anos 2007 – 2014 do Brasil

Códigos/ Produtos	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
12 Soja em grãos e sementes	0,94	0,95	0,96	0,96	0,96	0,97	0,97	0,97
26 Minérios	0,98	0,99	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00
27 Combustíveis	0,66	0,62	0,68	0,71	0,72	0,76	0,66	0,73
47 Pasta de Madeira	0,99	0,99	0,99	0,99	0,99	0,99	1,00	1,00
17 Açúcar	0,97	0,97	0,98	0,98	0,98	0,98	0,97	0,97
41 Peles e Couros	0,87	0,99	0,95	0,94	0,94	0,95	0,96	0,96
72 Ferro e aço	0,29	0,27	0,59	0,40	0,38	0,42	0,33	0,29
02 Carnes	-0,82	-0,80	-0,82	-0,83	-0,83	-0,79	-0,76	-0,76
15 Gorduras e óleos	0,96	0,95	0,94	0,95	0,94	0,95	0,93	0,92
24 Tabaco e sucedâneos	0,93	0,93	0,93	0,91	0,90	0,91	0,92	0,91
52 Algodão	0,93	0,93	0,93	0,91	0,90	0,91	0,92	0,91
85 Máquinas elétricas	-0,73	-0,75	-0,76	-0,81	-0,84	-0,84	-0,86	-0,86
84 Máquinas mecânicas	-0,45	-0,50	-0,58	-0,56	-0,54	-0,52	-0,53	-0,50
29 Químicos Orgânicos	-0,01	-0,17	-0,11	-0,11	-0,19	-0,17	-0,15	-0,15
39 Plásticos	-0,09	-0,20	-0,07	-0,15	-0,21	-0,28	-0,31	-0,28
87 Automóveis	0,52	0,46	0,41	0,43	0,35	0,32	0,37	0,23
73 Obras de Ferro ou Aço	-0,51	-0,50	-0,42	-0,53	-0,60	-0,57	-0,56	-0,45
62 Vestuário exceto de malha	-0,97	-0,97	-0,98	-0,98	-0,98	-0,98	-0,98	-0,98
54 Filamentos sintéticos	-0,81	-0,83	-0,83	-0,86	-0,90	-0,89	-0,90	-0,88
90 Instrumentos de precisão	-0,74	-0,76	-0,76	-0,78	-0,79	-0,81	-0,80	-0,77

Fonte: Elaboração própria com dados da Alice Web, ITC, (1) Código de localização Alice web/contrade.

4.3- Mensuração do Índice de Orientação do Comércio (IOC)

Tal índice tem como objetivo medir o quão importante é um produto nas exportações bilaterais em relação com o resto do mundo. Como podemos observa na tabela abaixo os produtos: soja em grãos, minérios, pasta de madeira, peles e couros,

gorduras e óleos, tabaco e sucedâneos que apresentaram índices superiores a 1 para esses produtos há uma orientação favorável ao comércio. Com base nesses resultados pode se afirmar que as exportações brasileiras não estão orientadas ao comércio com a China já que apenas 6 dos 20 produtos tem orientação favorável ao comércio (MATTOS,2008).

Tabela 14. Índice de Orientação do Comércio anos de 2007-2014 do Brasil

Códigos/ Produtos	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
12 Soja em grãos e sementes	84,00	80,38	63,49	51,43	54,62	56,76	68,95	76,08
26 Minérios	40,82	35,43	40,22	34,23	31,54	28,67	26,77	25,81
27 Combustíveis	0,55	0,58	0,45	0,85	0,61	0,62	0,49	0,52
47 Pasta de Madeira	24,22	10,05	20,80	12,25	10,45	12,01	13,79	16,96
17 Açúcar	0,59	0,66	1,22	5,64	9,22	9,12	11,23	8,80
41 Peles e Couros	20,01	12,48	7,55	5,77	5,03	6,72	7,31	10,49
72 Ferro e aço	1,02	0,94	2,23	0,71	0,58	0,69	0,61	0,59
02 Carnes	0,23	0,02	0,27	1,13	1,52	2,16	1,45	1,82
15 Gorduras e óleos	6,79	9,03	3,74	4,90	3,04	4,15	2,55	2,01
24 Tabaco e sucedâneos	11,58	10,45	6,31	4,80	3,88	5,11	4,29	3,64
52 Algodão	0,87	0,59	0,92	1,18	3,29	4,77	1,08	2,42
85 Máquinas elétricas	0,04	0,04	0,04	0,02	0,02	0,02	0,01	0,03
84 Máquinas mecânicas	0,17	0,15	0,06	0,06	0,05	0,08	0,05	0,04
29 Químicos Orgânicos	0,41	0,17	0,17	0,13	0,07	0,16	0,06	0,09
39 Plásticos	0,25	0,12	0,52	0,15	0,24	0,21	0,13	0,15
87 Automóveis	0,049	0,020	0,011	0,011	0,010	0,015	0,011	0,007
73 Obras de Ferro ou Aço	0,05	0,05	0,02	0,03	0,02	0,05	0,04	0,07
62 Vestuário exceto de malha	0,001	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
54 Filamentos sintéticos	0,008	0,011	0,001	0,000	0,000	0,001	0,003	0,008
90 Instrumentos de precisão	0,059	34,32	5	0,038	0,022	0,021	0,021	0,028

Fonte: Elaboração própria com dados da Alice Web, ITC, (1) Código de localização Alice web/contrade.

CONCLUSÕES

De fato, a principal vantagem comparativa, absoluta e relativa, da China, é sua grande população, o seu infindável ‘exército industrial de reserva’, daí sua posição imbatível na produção de bens de trabalho intensivos, especialmente eletrônicos, e produtos industriais em geral. Esse fator é excelente para a China, elevando a qualificação profissional de sua população, trazendo renda e prosperidade para o país. O grande crescimento da China tem gerado preocupações quando a habilidade do Brasil em poder aproveitar esse mercado, aumentando o volume das exportações, adquirindo mais tecnologia podendo assim aumentar sua produção, já que os dados econômicos têm revelado a enorme capacidade da China em promover crescimento econômico.

O eixo central desse trabalho está em avaliar a capacidade da vantagem comparativa do Brasil perante a China, avaliando a competitividade do Brasil com o seu parceiro comercial. Detecta-se que para o Brasil o mercado chinês tem relevante importância, já que se configura como principal mercado, apresentando competitividade para produtos em sua maioria básicos e semimanufaturados que são: soja em grãos e sementes, minérios, combustíveis, pasta de madeira, açúcar, peles e couros, ferro e aço, gorduras e óleos, tabaco e sucedâneos, automóveis. Para a China o mercado brasileiro não apresenta tamanha importância. Mostrando que ao longo do tempo o Brasil vem intensificando o destino de suas exportações para a China apresentando uma variação de 2007 a 2014 de 74,39% pois o comércio bilateral tem mais força em relação ao comércio do Brasil do que com o resto do mundo.

Apesar de a China fazer grandes movimentações comerciais o Brasil, concentra-se na exportação de commodities e produtos de baixo valor agregado e acaba por importar produtos com grande valor tecnológico. Pela observação dos dados o Brasil tem feito a manutenção de um saldo superavitário nesta relação comercial com a China.

A forma avaliativa desta pesquisa pretende verificar o grau das relações comerciais entre Brasil-China. Verifica-se por meio do Índice de Intensidade de Comércio (IIC) a relevância de comércio entre os países pesquisados. O índice demonstrou uma variação bem expressiva, mostrando em alguns produtos perda de participação de comércio no mercado chinês. Nota-se que a importância do comércio entre o Brasil e a China é superior em relação a China e Brasil. Explicitado pela primeira posição que é a que a China ocupa no ranking de mercados de destino dos produtos brasileiros.

Utilizou-se o Índice de Orientação de Comércio para verificar a orientação do comércio brasileiro, por meio deste índice pode-se notar dos 20 produtos apenas 6 apresentam uma orientação favorável ao intercâmbio Brasil-China, mostrando que a maioria dos produtos possuem uma orientação voltada para outros mercados, demonstrando que o comércio brasileiro não está orientado para a China.

Os produtos brasileiros exportados para a China no período de 2007 a 2014 tem sua competitividade avaliada pelo Índice de Vantagem Comparativa Revelada Simétrica revelando que o Brasil da cesta selecionada de 20 produtos apenas 10 demonstraram vantagem comparativa. Por meio desta análise pode-se afirmar que há uma contribuição para a redução do bem estar dos países envolvidos, principalmente para o Brasil. Esta constatação também se faz presente na obra de Souza (2003) onde a autora demonstra que o Brasil tende a orientar para seus parceiros comerciais produtos em que detém baixa tecnologia.

Analisando pauta de exportação do Brasil para a China e para o Mundo, verifica-se que exportamos para o mercado chinês commodities e produtos de baixa tecnologia. No entanto a redução das exportações brasileiras para o Mundo no período de 2007 a 2014, proveniente da crise mundial de 2008, demonstra que mesmo assim comércio do Brasil como o mundo é superior ao comércio bilateral Brasil – China, onde destaca que o Brasil promove um regionalismo aberto.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Renato. **Análise Sumária do comércio entre Brasil e China**. Disponível em: <http://www.cebc.org.br/sites/500/522/download/Analise_do_comercio_BrasilChina_RA_maio_2005.pdf>. Acesso em: setembro de 2015.

BELLUCI, B. Abrindo os Olhos para a China. <http://biblioteca.clacso.edu.ar/Brasil/ceaaucam/20121123114130/abrindo.pdf>. Acesso em: maio 2014

BLÁZQUEZ-LIDOY, J.; RODRÍGUEZ, J.; SANTIS, J. Anjo ou demônio: os impactos do comércio chinês na América Latina. **Desafios do Desenvolvimento**. Brasília, n. 31, p. 38- 43, fev. 2007. Disponível em: <http://www.cepal.org/brasil/noticias/noticias/2/27902/CHINA_DESAFIOS31.pdf>. Acesso em: junho 2013.

BONELLI, R.; HAHN, L.. **Resenha dos estudos recentes sobre relações comerciais brasileiras**. Rio de Janeiro: IPEA, 2000. Disponível em: <http://www.en.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/TDs/td_0708.pdf>. Acesso em: novembro 2014.

CARVALHO, M. A. de; SILVA, C. R. L. da. **Economia internacional**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

CASELANI, C. N.. Cinco décadas de economia. **GV-Executivo**: revista de administração de empresas da FGV EAESP, São Paulo, n. 3, v. 3, ago.-out. 2004. Seção Economia. Disponível em: <<http://rae.fgv.br/sites/rae.fgv.br/files/artigos/3484.pdf>>. Acesso em: maio 2015.
Conselho empresarial Brasil-China<<http://www.cebc.org.br/pt-br/dados-e-estatisticas/acordos-bilaterais>>. Acesso em janeiro 2015

DE NEGRI, F. **O perfil dos exportadores industriais brasileiros para a China**. Brasília: IPEA, maio 2005. 23f. Disponível em: <http://www.cebc.org.br/sites/default/files/fernanda_de_negri_perfil_dos_exportadores_brasileiros_para_a_china.pdf>. Acesso em: julho 2014.

FAJNZYLBBER, P.; SARTI, F.; LEAL, J. P. G.. **Estudo da Competitividade da Indústria Brasileira**: sistema de indicadores da competitividade. In: COUTINHO, L. G; FERRAZ, J. C.; SANTOS, A. dos; VEIGA, P. da M. (Orgs.). **Estudo da Competitividade da Indústria Brasileira**. Campinas: UNICAMP/UFRJ/FDC/FUNCEX, 1993. 202 f. Nota Técnica. Disponível em: <https://www.faneesp.edu.br/site/documentos/estudo_competitividade_industria_brasileira_5.pdf>. Acesso em: junho 2014.

FAUSTINO, H. C. Indicadores de comércio e de especialização intra-sectorial: Qual ou quais utilizar nos estudos empíricos. Disponível em: <http://pascal.iseg.utl.pt/~faustino/textos/ind_cis.pdf>. Acesso em: junho 2014.

FURLAN, F. de M.; FELSBURG, T. B. **Brasil China**: comércio, direito e economia. São Paulo: Aduaneiras, 2005

GOMES, V.; JR ELLERY, R. Perfil das exportações, produtividade e tamanho das firmas no Brasil. **Textos para discussão**, Brasília, n. 1087, 25 f., abr. 2005. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S003471402007000100003&script=sci_arttext >. Acesso em: dezembro 2014.

HAMILTON, A. Report on manufactures, 1791 >Disponível em:<http://www.constitution.org/ah/rpt_manufactures.pdf>. Acesso em janeiro 2015

INFORMAÇÕES ESTATÍSTICAS BRASILEIRAS. 2015. Disponível em: <<http://aliceweb.desenvolvimento.gov.br>>. Acesso em julho 2015.

INFORMAÇÕES ESTATÍSTICAS CHINESA. 2015. Disponível em: <<http://www.trademap.org/>>. Acesso em julho 2015.

KENEN, P. B. **Economia internacional**: teoria e política. Tradução Silvia Düssel Schiros. Rio de Janeiro: Campus, 1998. Tradução de: The international economy.

KRUGMAN, P.. **Internacionalismo pop**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. 59

KRUGMAN, P.; OBSTFELD, M.. **Economia internacional**: teoria e política. 4. ed. São Paulo: Makron Books, 1 999. KRUGMAN, P. R.; OBSTFELD, M. **Economia Internacional: teoria e política**. 5. ed. São Paulo: Makron Books, 2001.

LOPES, J. M. C.; GAMA, M. **Comércio exterior competitivo**. 2. ed. São Paulo: Aduaneiras, 2005.

MATTOS, M. **Padrões de especializações no comércio Brasil-China**.2008. Monografia (Graduação em Ciências Econômicas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

MARKWALD, R; PUGA.F.P.>Disponível em < http://www.bndespar.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/s/conhecimento/livro_desafio/Relatorio-04.pdf>. Acesso Janeiro 2015

OLIVEIRA, C. T. de. **China**: o que é preciso saber. São Paulo: Aduaneiras, 2004.

OLIVEIRA, A. P. de. Governando a China: a quarta geração de dirigentes assume o controle da modernização. **Revista Brasileira de Política Internacional**, Brasília, v. 46, n. 2, p. 138-160, 2003.

OLIVEIRA, Henrique Altemani de. Brasil-China: trinta anos de uma parceria estratégica.**Revista Brasileira de Política Internacional**, Brasília, n. , p.7-30, 10 maio 2004.

PUGA, F. P.;A Inserção do Brasil no comércio mundial: O efeito China e potencias de potencias de especialização das exportações. 2005 Disponível em: < http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/c onhecimento/td/td-106.pdf >. Acesso em jan. 2015.

NEGRI, F. O perfil dos exportadores industriais brasileiros para a China. 2005
Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/1951/1/TD_1091.pdf>.
Acesso em: agosto 2014

SECEX – SECRETARIA de Comércio Exterior. 2006 Disponível em:
<<http://www.desenvolvimento.gov.br>>. Acesso em: janeiro 2015.

STORY, J. **China**: a corrida para o mercado. São Paulo: Futura, 2004.

TANG, C A. Brasil e China: uma parceria estratégica e comercial. 2002. In: CÂMARA
BRASIL CHINA. 2007. Disponível em: <<http://www.ccibc.com.br/>>. Acesso em:
março 2015.

UNCTAD – UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND
DEVELOPMENT. 2006. Disponível em:<www.unctad.org>. Acesso em: jan. – fev
2006.

VASQUEZ, J. L. **Manual de exportação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

VICENTE, J. R. Competitividade do Agronegócio Brasileiro, 1997 - 2003. **Agricultura
São Paulo**, São Paulo, v. 52, n. 1, p. 5-19, jan/jun. 2005. > Disponível em:
<<http://www.iea.sp.gov.br/out/publicacoes/pdf/asp-1-05-1.pdf>>. Acesso em: janeiro
2014

VILLELA, Eduardo V. M.. **As relações comerciais entre Brasil e China e as
possibilidades de crescimento e diversificação das exportações de produtos
brasileiros ao mercado consumidor chinês**. Disponível em:
<<http://www.pucsp.br/geap/artigos/art4.PDF>>. Acesso em: outubro de 2015.